

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL



EM PORTUGUÊS

Unicuique suum

Non praevalerunt

Ano LIV, número 31 (2.831)

Cidade do Vaticano

quinta-feira 3 de agosto de 2023

O PAPA FRANCISCO EM PORTUGAL POR OCASIÃO DA JMJ

No discurso às autoridades e à sociedade civil o Pontífice recordou o sonho de uma Europa que inclua povos e pessoas

Peregrino de esperança em Lisboa cidade do encontro

Na celebração das vésperas convidou a não ficar emaranhados nas redes da resignação e do pessimismo



«Peregrino de esperança em Portugal, rezo» para que «Lisboa, cidade do encontro, nos inspire a enfrentar juntos as grandes questões da Europa e do mundo»: na frase escrita no livro de honra do Palácio presidencial, Francisco resumiu o sentido da sua 42ª viagem internacional, que começou na manhã de 2 de agosto com a chegada à capital portuguesa por ocasião da Jornada mundial da juventude. Durante o primeiro discurso da visita, dirigido às autoridades, à sociedade civil e ao corpo diplomático, o Pontífice aprofundou quais são as mencionadas “grandes questões” que atingem o velho continente, onde «num momento tempestuoso» se sente «a falta de rotas corajosas de paz». Preocupado por ler que «em muitos lugares se investem continuamente os recursos em armas e não no futuro dos filhos», Francisco, confidenciou: «Sonho uma Europa, coração do Ocidente, que use o seu engenho para apagar focos de guerra e acender luzes de esperança; uma Europa que saiba reencontrar o seu ânimo jovem, sonhando a grandeza do conjunto e indo além das necessidades imediatas; uma Europa que inclua povos e pessoas com a sua própria cultura, sem correr atrás de teorias e colonizações ideológicas».

Um desejo confiado sobretudo às novas gerações: nesta JMJ, disse, «jovens provenientes de todo o mundo que cultivam anseios de unidade, paz e fraternidade, jovens que sonham desafiam-nos a realizar os seus sonhos bons. Não andam pelas ruas a gritar a sua raiva, mas a partilhar a esperança do Evangelho».

À tarde, na nunciatura apostólica, o Pontífice encontrou-se com o presidente da Assembleia da República e com o primeiro-ministro, depois presidiu à recitação das vésperas com os bispos, sacerdotes, diáconos, consagrados, consagradas, religiosos, religiosas, seminaristas e agentes pastorais no Mosteiro dos Jerónimos.

PÁGINAS 2-5

No Angelus o Pontífice falou da guerra na Ucrânia

O grito de milhões de famintos sobe ao Céu

PÁGINA 8

NESTE NÚMERO

Escola gerida pelas Irmãs terciárias de São Francisco nos Camarões

A «Laudato si'» posta em prática

MUNYUY MERCY VERNYUY
NA PÁGINA 6

Reflexão litúrgico-pastoral para a festa da Transfiguração do Senhor

Caminhar como filhos da luz

D. ANTÓNIO COUTO NA PÁGINA 7

Caminhos criativos de paz

ANDREA TORNIELLI

Se a guerra que rebentou no coração da Europa cristã com a agressão russa à Ucrânia corre o risco de nos fazer habituar, há quem não se cansa de, combinando profecia e realismo, invocar a paz chamando as nações e os povos — e em particular a Europa — às suas responsabilidades. Também no início da sua viagem a Portugal, onde chegou para viver a Jornada mundial da juventude, o Papa Francisco falou do papel do Velho Continente, desejando que não esqueça a própria identidade, mas saiba propor caminhos criativos de paz e soluções diplomáticas, em vez de aceitar a ideia da inevitabilidade da guerra e da corrida ao rearmamento.

O Sucessor de Pedro observou que «as injustiças planetárias, as guerras, as crises climáticas e migratórias correm mais depressa do que a capacidade, e muitas vezes a vontade, de enfrentar estes desafios em conjunto». Mas acrescentou que «Lisboa pode sugerir uma mudança de ritmo», uma vez que precisamente aqui, em 2007, foi assinado o Tratado de reforma da União Europeia, no qual se lê que a União «nas relações com o resto do mundo contribui para a paz, a segurança, o desenvolvimento sustentável da Terra, a solidariedade e o respeito mútuo entre os povos, o comércio

livre e justo, a erradicação da pobreza e a proteção dos direitos humanos».

Francisco afirmou que «o mundo precisa da Europa, da verdadeira Europa: precisa do seu papel de construtora de pontes e de pacificadora na sua parte oriental, no Mediterrâneo, em África e no Médio Oriente». Só assim a Europa será capaz de oferecer no cenário internacional «a sua originalidade específica», que na atual conjuntura histórica tem dificuldade de emergir. É necessário desenvolver «uma diplomacia de paz que extinga os conflitos e acalme as tensões, capaz de captar os mais tênues sinais de distensão e de ler nas entrelinhas mais tortas». Se olharmos para a realidade atual sem fechamentos ideológicos, devemos reconhecer que isso não acontece. Eis por que o Papa dirige perguntas à Europa: «Para onde navegas, se não ofereces percursos de paz, vias inovadoras para acabar com a guerra na Ucrânia e com tantos conflitos que ensanguentam o mundo? E ainda, alargando o campo: Que rota segues, Ocidente? A tua tecnologia, que marcou o progresso e globalizou o mundo, sozinha não basta; e muito menos bastam as armas mais sofisticadas, que não representam investimentos para o futuro, mas empobrecimento do verdadeiro capital humano que é a educação, a saúde, o estado social. Fica-se preocupado ao ler que, em muitos lu-

gares, se investem continuamente os recursos em armas e não no futuro dos filhos».

O que mais deve acontecer para que a Europa desperte e reencontre o seu papel?

De acordo com o Gabinete do Procurador-Geral da Ucrânia, até 22 de fevereiro de 2023, a invasão custou a vida a 9.655 civis, incluindo 461 crianças; feriu 12.829 civis, incluindo 926 crianças; e provocou a morte de mais de 68.000 pessoas, mais de 68.000 crimes de guerra, incluindo 2.600 cometidos contra crianças. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) estima que até ao final de fevereiro de 2023 havia 8,1 milhões de pessoas deslocadas na Europa. Há zonas inteiras da Ucrânia destruídas, poluídas ou minadas. É preciso pôr fim a esta tragédia, primeiro com uma trégua e depois com uma paz justa.

Mas Francisco não deixa de olhar para o futuro com esperança: «Sonho uma Europa, coração do Ocidente, que use o seu engenho para apagar focos de guerra e acender luzes de esperança; uma Europa que saiba reencontrar o seu ânimo jovem, sonhando a grandeza do conjunto e indo além das necessidades imediatas; uma Europa que inclua povos e pessoas, sem correr atrás de teorias e colonizações ideológicas». Mereceria ser ouvido, antes que seja demasiado tarde.